cap esp
8

CARLOS MALHEIRO DIAS

SAUDAÇÃO

AOS

OFFICIAES DA ARMADA PORTUGUEZA

CONTRA-ALMIRANTE

Carlos Viegas Gago Coutinho

E CAPITÃO DE FRAGATA

Arthur de Sacadura Cabral

NA SESSÃO SOLEMNE

— DO —

GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

— DO —

RIO DE JANEIRO

NA NOITE DE 19 DE JUNHO DE 1922

Editada pela Commissão Executiva da Colonia Portuguêsa
do Rio de Janeiro

Exmo. Snr. Presidente da Republica,

Exmo. Snr. Embaixador de Portugal,

Excellencias,

Eminencia,

Minhas Senhoras,

Senhores :

Mez de Março, arauto da florida primavera de Portugal. As brisas dos quadrantes do Norte encrespam as aguas buliçosas do Tejo.

Os olhares da multidão voltam-se para além da bocca espumante do estuario, para o liquido palco dramatico da raça, que desdobra as suas ondas em perpetuo movimento até ao polo antarctico. As mãos que acenam parecem querer voar, como asas. Voltarão os que partem ? Attingirão a terra maravilhosa e longinqua ?. . . Já os nautas entram no Atlantico, deixam á esquerda os areaes scintillantes de Caparica, perdem de vista a ondulação verde do littoral e as cumiadas da serra de Cintra, singram para o susudoeste, passam as Canarias de Hespanha, transpõem as aridas paizagens lunares de Cabo Verde. . . Depois, a primeira catastrophe. . . É a semana pascal, em que a Christandade commemora o sacrificio de Jesus, rematado pela resurreição do filho de Deus. As cruzes sob cujo signo viajam os nautas reflectem-se agora em uma cruz de estrellas, cujos cinco lumes brilham entre os asymetricos arabescos das constellações. E, finalmente, a terra maravilhosa surge no occidente com as suas montanhas e florestas.

Mas não sois ainda vós que a avistaes !

Nada mais fiz do que esboçar a viagem grandiosa dos vossos avós precursores, de que esta parece ser a reedição aérea.

No mesmo mez de março em que partistes, com as mesmas escalas, assignalada a derrota pelo naufragio da nau tresmalhada depois de transpostos os panoramas dantescos de Cabo Verde; vogando nos ennublados mares tropicaes durante a semana da Pascoa — coincidencia que as almas crentes dirão regulada pelos designios celestes, — um commandante do vosso nome, Sr. capitão de fragata Sacadura Cabral, assistido por um sabio da vossa estatura, Sr. contra almirante Gago Coutinho, dirigia, ha 422 annos, para o sudoeste a segunda e imponente armada da India e fundeava, ao pôr do sol do dia 22 de Abril, perante a terra de Vera Cruz.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

COMPRA
208620

Apontavam os nautas das bandas do Oriente, do lado de onde nasce o sol, de onde vieram sempre, desde tempos immemoriaes, primeiro para a Europa e depois para a America, sua filha, as religiões, as invasões e as civilizações: os prophetas, os conquistadores e os legisladores. Chegavam de um paiz alongado e estreito como uma nau, em cujas escarpas e areaes batem as ondas bravas do Atlantico como no costado de um navio: exigua terra predestinadamente situada entre o cabo Finisterra e as Columnas de Hercules, e onde um pequeno povo, educado sob a tutoria rispida de Roma, delimitara com as espadas uma patria e a representara numa bandeira mystica e bellicosa, com as cinco chagas de Christo cercadas de roqueiros castellos. Nos topes dos mastros das suas naves soltavam-se as insignias brancas benzidas pelo signal da cruz de Christo. Arqueadas ao vento, grandes cruzes vermelhas arfavam nos calvarios aéreos dos velames. Os raios solares reflectiam no bronze das bombardas. Os ares vibravam ao estridente clangor das trombetas e charamelas. Rouquejavam nas escorvas as amarras de canhamo. A celeuma dos marinheiros, elevando-se dos baixeis, cobria o rumor das vagas que se quebravam nos cascos dos doze navios: tantos como os Apostolos. E o capitão-mór, tendo a seu lado o sabio Duarte Pacheco, que havia de ser na India o "Achilles Lusitano" dos **Lusiadas** e na cosmographia o primeiro que, no **Esmeraldo de Situ Orbis,** computou o grau da circumferencia equinoxial em 18 leguas nauticas de quatro milhas — ambos envergando a opa quinhentista de brocado flamengo ou de velludo de Genova, contemplavam a terra virginal, sobre cujas montanhas empavezadas de frondes descia o crepusculo roseo dos tropicos, precursor ligeiro da noite recamada de estrellas. Era a terra paradisiaca, como a figuravam nos retabulos dos trypticos, com Adão e Eva passeando despidos entre as féras ainda mansas, os mestres pintores das escolas de Siena, de Vizeu e da Flandres.

Chegaes agora vós, volvidos apenas quatro seculos e o fragmento de vinte e dois annos de um quinto seculo ainda em começo. Apontaes tambem das bandas do Oriente. Vindes, como os nautas da armada de Cabral, do estuario das navegações, com a mesma derrota de vossos predecessores — mas já não vos conduz o mar que outr'ora chamámos nosso porque primeiro lhe devassámos os mysterios e o possuimos. Chegaes pelos ares, violando-lhes a virgindade, como os antepassados violaram os sigilos do Atlantico tenebroso.

Onde o primeiro Cabral encontrou o homem primitivo vagueando pelas florestas, sem Deus, sem Lei, mais innocentemente nú do que as aves vestidas de plumagem, o segundo Cabral vê da sua nau aerea surgirem no horizonte as cidades magnificas, coroadas de zimborios e cupulas, com os navios fundeados nos portos artificiaes, as chaminés das fabricas fumegando, os sinos das torres badalando e as bandeiras verdes e amarellas, asas da patria, palpitando ao vento.

Detenhamo-nos na contemplação deste vasto horizonte da historia para colher do dyptico emocionante a instructiva lição que elle contem, pelo confronto das viagens do primeiro e do segundo Cabral.

Quereria poder dizer-vos que os nautas de 1500, acabando de aportar á terra paradisiaca e cálida, que haveria de ser um dos grandes imperios do Universo, não conseguiram conciliar o somno, exaltados pela apparição maravilhosa. Mas nenhuma das testemunhas do grandioso feito nos autoriza a acreditar na exaltação extatica da surpresa. Aquelles marinheiros que vão á India são de outra especie e de outra tempera que os noviços mercenarios de Palos. Os mysterios oceanicos, as ilhas que afloram das ondas, as terras novas, as paizagens exoticas — tudo o que a natureza reservara para o humano assombro os não surprehende já ou os alvoroça. O apparecimento da terra occidental não podia constituir para os exploradores dos oceanos uma surpresa prodigiosa. Quasi pelo mesmo tempo em que as tripulações da armada da India viam as terras da America meridional, Gaspar Corte-Real obtinha a doação das ilhas e terras firmes que encontrasse para o oeste, no hemispherio norte, e navegaria heroicamente até descobrir as neves, os bosques e os habitantes da Terra Nova.

Succedendo aos pais e aos avós, havia quasi um seculo que a grey lusitana devassava os oceanos, descobria os archipelagos, dobrava os cabos aterradores, contemplava os littoraes dos desertos africanos, as ilhas vulcanicas e os viridentes panoramas tropicaes — exactamente como vós, que navegastes em todas as latitudes, que atravessastes as selvas da Africa, de costa a costa, que andastes procedendo aos calculos planimetricos das ilhas da Oceania. Todos elles já haviam exgotado a capacidade limitada do assombro. Seus avós dobraram o Não e o Bojador, guardados pelas ondas encapelladas, os parceis traidores e as lendas intimidadoras. Os pais entraram pela zona torrida, onde os sabios da antiguidade affirmavam não existir um ente vivo. Tinham visto sumir-se na linha do horizonte a estrella do Norte e a constellação da Ursa Menor, relogio celeste dos mareantes, e surgirem no firmamento os lumes sidereos das novas constellações. Haviam contemplado os clarões electricos do santelmo, accesos nas pontas dos mastros, as trombas de agua, os peixes voadores e os grandes cetaceos; afrontado os tufões e os cyclones, descoberto as patrias dos homens negros e travado relações com os hindús do Malabar. Para aquelles veteranos dos mares, tisnados pelas brisas salinas, votados á tarefa de alargar as fronteiras que enclausuravam a civilização europeia e duplicar no espaço fugaz de um seculo a área do mundo classico, sobre que imperara Roma, o descobrimento de novas terras constituia um recreio na monotonia dramatica do combate assustador com as agitadas ondas e as sibilantes ventanias.

Estavam embotados para as surpresas emocionantes. A ameaça perenne da morte temperara com estoicismo heroico aquellas almas dos athletas do oceano, embarcadas, como as do auto vicentino, nos bateis que conduzem ao outro mundo.

Os portuguêses avistaram em 1500 a terra do Brasil com a serenidade que ensina a experiencia, sem suspeitarem que o destino os escolhera para alli gerarem com sangue, suor e lagrimas — materiaes primarios de todas as edificações humanas, — uma patria grandiosa. Mas attentai nas circumstancias

com que o destino dramaturgo revestiu essa primeira pagina da historia de uma nação descoberta pelos cavalleiros de Christo, solemnemente baptisada com a assistencia de alguns dos heroes da epopeia maritima, e que, sob um ceu onde resplandece uma cruz de estrellas, na presença de um lábaro que ostentava o sacro emblema do christianismo, recebeu nas fontes baptismaes o nome de Vera Cruz.

Bem vos comprehendo o afan com que, desde o Tejo, anhelaveis por avistar o scenario legendario onde se representara a semana mystica, digna de tentar o pincel de um Memling!

Depois de voar em 8 horas e 37 minutos as 703 milhas que separam o Tejo da ilha das Canarias, em que primeiro pousou o **Lusitania;** depois de vencidas em 10 horas e 43 minutos as 849 milhas da segunda escala até S. Vicente de Cabo Verde e transpostos os 314 kilometros até á ilha de S. Thiago em 2 horas e 15 minutos; após o vôo gigantesco de 1.681 kilometros, que em 11 horas e 21 minutos vos transportou, á velocidade de 152 kilometros á hora, até ás solitarias penedias dos grandes Apostolos; executado emfim o aéreo salto quasi mortal da ilha Fernando de Noronha aos penhascos em que vos surgira o colerico Adamastor, eis-vos já voando sobre Olinda, onde ha quatro seculos, no lar feudal do austero Duarte Coelho, nascia o primeiro heróe brasileiro da estirpe dos Albuquerques; pairando sobre o theatro da bellica epopeia pernambucana; depois descendo no reconcavo da Bahia, ao sopé da mais antiga cidade e capital da America, onde governou e morreu Mem de Sá, o Affonso d'Albuquerque do Occidente. Mais um vôo de menor amplitude que aquelle que vos deslocou do archipelago de Cabo Verde para os penedos de S. Pedro e S. Paulo, ter-vos-hia trazido á cidade fundada por Estacio de Sá, cujas cinzas os brasileiros filialmente trasladaram ha seis mezes num cortejo guiado pelas gloriosas e redivivas bandeiras ancestraes que em vossa honra decoram esta sala. Mas vós quizestes, antes de attingir a meta, que nas aguas da bahia historica, que haviam reflectido os tumidos velames da armada de 1500, perpassasse a sombra das azas brancas do vosso navio aéreo. E, contemplando-a, certamente evocastes as scenas culminantes do drama sublime e incruento de que os nossos antepassados foram os cavalheirescos protagonistas. Vistes, forçosamente vistes, com o olhar resuscitador da imaginação, os dois mancebos indigenas que tinham dormido com infantil confiança na nau capitanea, regressando á terra no batel acompanhados — gloriosa guarda de honra! — por dois heroes dos **Lusiadas:** Bartholomeu Dias e Nicolau Coelho, e por Pero Vaz de Caminha, primeiro historiador da futura Nação que acabava de nascer . . . Vistes a primeira missa no ilheu da Corôa Vermelha, no domingo de Pascoela: o altar armado sob o esparavel onde officiava frei Henrique de Coimbra, antigo desembargador da Casa da Supplicação, que despira a toga para envergar no convento de Alemquer o habito de franciscano. Do lado do Evangelho, um pagem do capitão-mór hasteia o estandarte da cavallaria de Christo, com a cruz talisman com que o Infante iniciara os descobrimentos ultramarinos; e os capitães, os cavalleiros, os pilotos, o opulento feitor de Calecut e os seus escrivães, as tripulações representadas pelos officiaes, mes-

tres e contra-mestres, guardiães e meirinhos, os besteiros e bombardeiros, os pagens, os remadores dos bateis e esquifes ajoelhados devotamente na areia grossa. . . Exaltava-os a fé nos milagres e nos destinos grandes que a divindade reservara e traçara á grey portuguêsa. Muitos daquelles homens iam morrer dentro de poucos dias, tragados nos abysmos do mar; outros acabariam trucidados na cilada de Calecut, vingada com implacabilidade romana; os frades que assistiam á missa succumbiriam quasi todos nas agonias atrozes do martyrio. Longe como nós da patria, os reveladores do mundo, reunidos naquelle ilheu, por ella rezavam em volta da bandeira que o rei entregara na hora do embarque ao seu capitão. . . Vistes ainda a ceremonia mystica do hastear da cruz; partir a caravella do emissario; levantar ferros a esquadra, alando rumo ao mar alto, de velas enfunadas pelo vento que ia arremessal-a para o furacão do cabo Tormentoso.

Mas na terra edenica onde, ha pouco mais de quatro seculos, frei Henrique celebrou as duas primeiras missas em altares improvisados na areia de um baixio e á sombra dos arvoredos da margem do Itacumirim, agora, em milhares de altares, abrigados sob as abobadas dos templos, diariamente, por toda a extensão do Brasil, os sacerdotes celebram o santo sacrificio. A tosca cruz de madeira, construida pelos carpinteiros da esquadra, multiplicou-se em centenas de milhares de cruzes de oiro, de prata, de bronze, de granito e de ferro, erguidas nos altares, nas torres, nos zimborios, e que escrevem no ceu o nome que primeiro a terra teve.

No paiz virgem onde pela primeira vez resoavam, ha quatro seculos, os echos de uma varonil linguagem latina, os poetas cantam, os oradores saudam-vos na mesma lingua portuguêsa em que escreveu Caminha. As artes que nasceram nos littoraes do Mediterraneo, entre os rescendentes myrtos e os esguios cyprestes, e que para cá trouxeram os antigos pupilos de Roma, aqui se continuam, prolongando no espaço e no tempo a gloria da civilização de que fomos arautos e propagadores.

Os clangores e as acclamações, que ha quatrocentos annos estrugiam nas naves de Cabral, levantam-se agora em terra, nas cidades ruidosas, edificadas sobre as raizes das florestas derrubadas. Aquella semente produziu esta seara. Daquelle baptismo sahiu esta patria. As flechas dos mansos Tupiniquins são hoje um exercito com dezenas de milhares de espingardas e baionetas, canhões, arsenaes, bandeiras e aviões. As almadias de Porto Seguro são poderosas esquadras com "dreadnoughts", submarinos e "destroyers". As aves de asas coloridas transformaram-se em estandartes com estrellas e legendas. As tabas silvestres dos aborigenes cresceram, ampliaram-se em palacios. Ao silencio quasi sepulcral das mattas virgens, intransitaveis e asphyxiantes, succedeu o vozear das activas multidões, o estrepito das usinas, o zunido das machinas, o silvo das locomotivas. Daquelle berço a que Caminha chamava uma ilha, sahiu e ergueu-se uma nação gigantesca, com imperadores, heroes, estadistas, tribunos e magistrados, cuja voz prestigiosa é ouvida nos concilios das grandes nações civilizadas. . .

Poder exaltante da civilização! Espantoso poderio do homem, que tudo isto fez em mil vezes menos tempo do que é preciso á Natureza para crear o diamante! Poder glorificador da especie, que incessantemente caminha, guiada pelos genios e os heroes e á qual vós, irmãos e descendentes dos precursores, desde o visionario Gusmão da "Passarola", até ao vidente Santos Dumont da "Demoiselle", abris agora as estradas sobremarinas.

Quando o astrolabio arabe, o quadrante e a balestilha, adaptados ás grandes viagens transoceanicas nos dois hemispherios, depois de terem servido a Bartholomeu Dias, a Duarte Pacheco, a Pero de Alemquer, a Dom João de Castro e a Fernão de Magalhães, aperfeiçoados pela industria nautica e a industria optica dos tempos modernos, que crearam só no seculo XVIII o sextante, precisam de ser adaptados á navegação dos espaços, a raça continua a guiar o homem sobre as uniformes solidões maritimas, nos grandes desertos da agua e do ether!

Dir-se-hia que o polyptico de Nuno Gonçalves se anima pelo milagre de um thaumaturgo e que os avós resuscitam. Porque nos move a vossa presença real a invocar as sombras veneradas dos grandes desapparecidos? Que mysteriosas articulações vos ligam, homens nossos contemporaneos, ao passado radioso? É que vós representaes, numa synthese viva, as indestructiveis capacidades da raça. É a sua seiva que vos anima. Sois os rebentos verdejantes das raizes profundas. Sois a certeza para a nossa fé. Sois a reapparição da nossa gloria. Sois o Encoberto que se revela. Tudo—até a sobriedade e a modestia natural de vossas palavras—condiz com a austera simplicidade dos ancestros, com aquella singeleza em que o escrivão Caminha narrava ao soberano o descobrimento de Vera Cruz. Sim: essa modestia tambem gloriosa, essa medida, essa reserva que se teme de parecer vangloriosa e se cohibe de soltar-se em vaidosos encomios — até nessa virtude vós nos representaes os grandes avós e a estoica raça, educada na energia romana, espiritualizada pelos transportes da fé christã.

O meu enthusiasmo recebe do vosso comedimento a lição salutar. Não se coadunaria á solemnidade deste acto e á categoria desta assistencia o delirio presumpçoso do orgulho. Mas a communhão providencial da vossa sciencia e do vosso heroismo autorizam-me a integrar-vos na historia dos grandes emprehendimentos da raça, como figuras redivivas e representativas da epopeia dos oceanos. Na certeza que vos guiou, na preparação minudenciosa e prudente que antecipou a vossa resolução phenomenal, reconheço-vos!

A 422 annos de intervallo a minha imaginação póde visionar os grandes cosmographos e pilotos da esquadra de Cabral: — o sabio Duarte Pacheco, antecessor sapiente de D. João de Castro e do Dr. Pedro Nunes; Pero Escolar, o companheiro de Vasco da Gama; Bartholomeu Dias, o que primeiro transpoz o Finisterra africano e navegou no mar Indico, — pesando o sol nos convezes das naus descobridoras, ao meio-dia de 22 de Abril de 1500, com os portateis astrolabios de latão, afim de calcularem a latitude geographica em que a armada navegava e que obtinham pela verificação da distancia do sol ao zenith do logar no momento da culminação no meridiano, confrontando este

angulo com o da distancia do polo ao equador, inscripto nas tabellas do **Regimento do Astrolabio e do Quadrante.** Se não chegou até nós o calculo da altura do sol, obtido cerca de tres horas antes daquella historica **hora de vespera,** em que a vista de lynce dos gageiros distinguiu no horizonte, sobre a linha das aguas aniladas, a pojadura do monte Paschoal, a coordenada da latitude approximadamente exacta de 17° S, achada em terra pelos pilotos, attesta o alto apparelhamento scientifico com que navegavam os portuguêses no ultimo anno do seculo XV. Sabemos que na esquadra viajavam, em companhia dos heroes e dos missionarios, os cosmographos. A sciencia, irmã do heroismo e da fé, estava representada na expedição portentosa que pela primeira vez na historia da humanidade estabelecia a communicação entre tres continentes, vindo da Europa á America e proseguindo da America até á Asia. Essa transcendente sciencia, que o romantismo velou com a mascara dramatica da aventura, foi sempre, desde as origens das navegações lusitanas, a luz espiritual, companheira dessa outra luz ideal da fé, que guiava nos mysterios dos oceanos as frageis naves portuguêsas. O que mais engrandece o cyclo épico das navegações lusitanas é essa concepção scientifica que sempre as orientou e que permittiu, ainda no seculo XVI, ao mathematico Pedro Nunes, na dedicatoria do **Tratado em defesa da Carta de marear** ao infante D. Luiz, escrever estas palavras que apagam a palavra acaso e a sua equivalencia romantica de aventura dos annaes maritimos de Portugal... *manifesto é que estes descobrimentos de costas, ilhas e terras firmes não se fizeram indo a acertar, mas partiam os nossos mui ensinados e providos de instrumentos e regras de Astrologia e Geometria, que são as coisas de que os cosmographos hão de andar apercebidos.*

É essa sciencia tradicional, irmã e guia das nossas glorias passadas, que resurge na heroica viagem aérea cujo desenlace triumphal estamos commemorando. Para que em tudo o presente nos appareça como um resurgimento integral do preterito; para que a raça possa hoje rever-se na plenitude dos seus titulos gloriosos, era preciso que o navio dos ares, tão fragil como as galés e as fustas das navegações iniciaes, propulsionadas pelo genio vidente do Infante taciturno, nos trouxesse encarnadas em vós as qualidades moraes e as capacidades intellectuaes da estirpe: o sabio ao lado do heroe e ambos tão intimamente confundidos na mesma resolução que fosse impossivel extremal-os.

Executores gemeos de uma só empresa, vós não sois dois heroes, mas um só heroismo e uma só sciencia. A força maior que propelliu o navio aéreo pelo elemento imponderavel do espaço foi a essencia tambem imponderavel da intelligencia, essa divina luz, vestigio do creador na creatura, que progressivamente, em relampagos fugazes e periodicos, vai revelando ao homem os segredos da Natureza.

E por isso tambem a Humanidade vos acclama, porque a Providencia accendeu por instantes em vossas mãos o facho de luz que alumia os destinos da especie, que lhe alimenta a esperança na ascensão formidavel em que ella progride e se exalta, desde a penumbra mental do troglodyta até á phosphorescencia cerebral de Einstein, desde a caverna á universidade, desde o quadrumano ao voador, desde o instincto ao ideal.

Cada idade tem os seus heroes. Na infancia da creação, o homem desenvolveu-se e caminhou pela terra, detido á beira dos precipicios do oceano com um terror pensativo. Na segunda idade, o homem, finalmente, passou da terra ás aguas e navegou. É a essa phase da evolução humana que a nossa raça deu os heroes maximos, realizando os maiores percursos oceanicos, dotando a primitiva navegação littoranea com os processos orientadores nas solidões atlanticas pela dimensão das balisas celestes, substituindo aos fogos da terra os lumes das estrellas. Eis-nos, emfim, no preludio da terceira idade. O homem constróe os seus remigios e vôa. O sol já não dissolve a cêra das asas de Icaro. Prometheu quebrou os grilhões de bronze que o encadeavam á montanha. O homem navega no ether como navegara sobre as ondas. Tendo descoberto que o espaço aéreo é um outro mar, com invisiveis ondas, faz voltear as helices por entre as nuvens. E tal como no seculo XV, quando o Infante, cercado de cosmographos, inicia a navegação transatlantica, os portuguêses de hoje, sentindo renovar-se a hora épica, acordam da lethargia apparente, sobem para os fragilimos navios alados, retomam a missão que lhes distribuiu a Providencia e inauguram com esta viagem assombrosa a navegação sobremarina.

Até hoje, as aeronaves precisavam de pontos de orientação terrestre para se locomoverem sem extravio nos espaços. Nos dirigiveis installaram-se os apparelhos de telegraphia sem fios, com que se indagava a latitude e a longitude do logar. O heroico aviador britannico Alcock voou de St. John, na America, a Clifden, na Irlanda, ignorando onde descia, depois de 16 horas e 20 minutos em que percorrera 3.000 kilometros pela via aérea com intrepidez sublime. Vós trazeis a luz á treva aerea, a nova bussola ao heroismo cego dos aviadores. Caminhaes entre o ceu e o mar, ao encontro de um penedo invisivel, grão de areia na crista de uma onda, e mathematicamente o encontrais e antes mesmo de o ver sabeis que estais pairando sobre a penedia solitaria: ponto minusculo na immensidade, onde os tres elementos inesperadamente se reunem — a terra, a agua e o ar. Em meia duzia de vôos grandiosos e consecutivos vindes de ilha em ilha, de cidade em cidade, ter comnosco! Bem sabemos que não fostes vós que ideastes a maravilha mechanica que vos transportou. Nem o progresso é obra de um só genio ou de um só povo. Qual a nação que possa gloriar-se de haver, com seus proprios e unicos recursos, isolada do esforço unanime, creado uma civilização? Cada nova conquista do homem sobre a natureza tem os seus preparadores e precursores. Newton é o genial continuador de Galileu, de Copernico e de Ptolomeu. A civilisação é um contagio. O isolamento é a barbaria.

Mas nessa evolução do prodigio interveio a raça, bipartida nos dois hemispherios, e é um dos seus heroes brasileiros que, ha um mez, desembarcando na França, dizia de vós a um redactor de "L'Echo des Sports": **"A viagem de Coutinho e Sacadura foi mathematicamente realizada. O emprehendimento nada tem de commum com as tentativas precedentes. Não se tratava de tentar o acaso ou a sorte, mas de effectuar uma travessia exactamente como a faria um navio, com reabastecimentos e escalas**

prefixadas. Os portuguêses executaram maravilhosamente a tarefa que se haviam traçado. Não se desviaram um só instante do seu caminho, seguiram escrupulosamente o seu horario e o seu itinerario. Sem o accidente lamentavel em que se inutilizou o seu hydro-avião, os dois portuguêses teriam realizado sem interrupção a primeira grande viagem aérea sobre as ondas."

Estas exaltadoras palavras de Santos Dumont são a lapidar definição da vossa proeza immortal. Ninguem antes d'elle traçara a synthese do vosso feito, condensando em algumas phrases, dignas de serem incorporadas nas encyclopedias, o alcance do vosso emprehendimento.

De facto, o que notabiliza a vossa extraordinaria façanha é que não vos propuzestes a effectuar um "raid", uma prova esportiva, uma theatral exhibição de coragem e de temeridade, mas uma viagem, sem duvida intrépida, porém sabiamente preparada, com dispositivos scientificos préviamente ensaiados na viagem anterior á Madeira.

Cada aspecto technico fôra meditadamentc encarado. As condições meteorologicas na epoca e regiões consideradas, principalmente relativas ao regimen dos ventos geraes, das calmas e dos aliseos; as proprias condições astronomicas pelo que respeita á claridade lunar, indispensavel á viabilidade da terceira phase do trajecto, que comprehendia cerca de 1.200 milhas entre a cidade cabo-verdeana da Praia e a ilha Fernando Noronha — tudo houve de ser attendido com o espirito de analyse de quem se propõe resolver problemas árduos e complexos. Cousa alguma, no projecto inicial da vossa viagem, foi deixada ao acaso, a não ser aquella grande submissão de cada emprehendimento humano aos imprevistos da natureza. A difficuldade consistiu em encontrar uma solução optimista, embora contingente e subordinada aos imperativos categoricos da volubilidade e caprichos dos ventos e das chuvas.

Até S. Vicente, a vossa viagem manteve-se rigorosamente no quadro das condicionalidades prefixas. Assim chegastes no dia 3 de Abril ao archipelago de Cabo Verde, muito a tempo de aproveitar o plenilunio de 11 — que em abril de 1500 fôra a 14 — para transpor o immenso abysmo que vos separava de Fernando Noranha, atalaia avançada do Brasil. Ahi, porém, devido á impossibilidade reconhecida de transportar essencia para 18 horas de vôo, o emprehendimento sahiu fóra do quadro optimista em que a vossa atilada experiencia condicionava os 50 °/₀ de probabilidades de exito. A escala dos Penedos, se serviria para testemunhar uma sciencia de orientação aérea surprehendente, por outro lado reduzia consideravelmente as probabilidades já tão aleatorias de successo. A amaragem e a descolagem em alto mar, sendo operações das mais delicadas, precisavam, para a sua exequibilidade, de serem favorecidas por circumstancias excepcionaes e archi-raras. Tivestes de arrostar as maiores vicissitudes precisamente na zona em que a vossa viagem portentosa se desviou do itinerario preconcebido. Mas o mallogro só serviu para pôr á prova a bronzea tempera do vosso animo.

Não compete á minha desautoridade referir as condições scientificas e technicas em que executastes o itinerario gigantesco, batendo o *record* das

viagens aéreas transoceanicas. Seria eminentemente interessante, depois de divulgar que pudestes transpor o Atlantico voando quasi constantemente a cêrca de 300 metros de altura, explicar os processos orientadores de que vos servistes. Mas só a vós e a mais ninguem caberá um dia relatar as condições em que viestes desde as brumas do Tejo ás neblinas da Guanabara, e como viajastes sem extravio pelo ar até romperdes, como um aerolitho, do plumbeo manto de nuvens que fechava o ceu, para mergulhar nas aguas da mais formosa bahia do mundo.

A vossa vinda ao Brasil realizou-se como a viagem regular de um veleiro, demorada pelas circumstancias adversas do tempo, mas com derrota preestabelecida, com escalas prefixas, com orientação rigorosa, com objectivos determinados. E é a primeira vez na historia da navegação aérea transoceanica que isso se realiza. Vós acabaes de desviar a aviação sobremarina do rumo temerario da aventura para a grande senda das realisações utilitarias. Nenhum technico ou profissional da aeronautica põe hoje em duvida que, se tivesseis á vossa disposição o apparelho do capitão Alcock e do tenente Brown, com dois motores Roll's Royce, desenvolvendo a força de 700 HP, voando a uma velocidade média de tres kilometros por minuto, dispondo de reservatorios com 4.500 litros de essencia e podendo voar 22 horas sem interrupção, terieis vindo do Tejo á Guanabara em tres vôos gigantes e successivos, no curto espaço de cinco dias, incluidas as horas de necessario repouso. O que vos faltou para a theatralidade do lance épico foi o recurso mechanico efficaz.

O **Lusitania** era um hydro-avião Fairey de um só motor de 300 HP, com dispositivos especiaes para 18 horas theoricas de marcha. O apparelho de série e da mesma marca, com que terminastes a viagem, dispunha de um curto raio de acção não excedendo a sete escassas horas de vôo. Foi com estes exiguos recursos, sem esquadras a comboiar-vos, que percorrestes até aos penedos de São Pedro quasi 5.000 kilometros em 34 horas e 1/4, com tres escalas obrigadas a perigosas amaragens e descolagens. E foi assim, com este modesto apparelhamento mechanico, que faz pensar nas tres pequenas caravellas de que se serviu Vasco da Gama para ir á India, que conseguistes trazer a Cruz de Christo de visita ao Cruzeiro do Sul, fazendo atravessar as Quinas, pelas nuvens, esse mesmo Atlantico que ellas, pela primeira vez no seculo XV, tinham percorrido nos topes dos mastros.

Se, por vos faltar outro apparelho depois que o **Lusitania** sossobrou, tivesseis interrompido na escala dos Penedos a vossa heroica viagem, nem por isso ella teria deixado de assignalar na aeronautica um passo gigantesco. Do mesmo modo terieis inaugurado a navegação supermarina regular. O problema da aviação transcontinental consiste agora, apenas, no aperfeiçoamento do apparelho, que é necessario dotar com tres predicados essenciaes: poderosa força motriz, capacidade vasta para combustivel e fluctuadores resistentes. A phase do aventurismo acabou comvosco para a aviação, como já acabara com os nossos antepassados para a navegação.

Servindo-se dos vossos methodos, uma aeronave poderá viajar sem sahir da derrota, attingindo em linha theoricamente recta o seu objectivo pre-

fixado. Para chegar a este resultado tivestes de resolver uma serie de problemas da mais transcendente complexidade, adequando á navegação dos ares os processos de que se serve a navegação maritima. A indecisão do horizonte para a referencia das alturas de astros; o factor, embaraçoso na elaboração dos calculos, das velocidades vertiginosas de 1 e 2 milhas por minuto, desconhecidas na locomoção terrestre e maritima; a irregularidade do governo do avião por motivo da força irregular das correntes aéreas; muitos outros obstaculos que tornam inefficaz a determinação do ponto pelo processo usual na navegação maritima, — eis outros tantos problemas transcendentes que tivestes de examinar, sobre que tivestes de meditar, para os quaes houvestes de encontrar as soluções apropriadas. Em uma palavra, refizestes na navegação aérea o trabalho scientifico elaborado pelos antepassados, desde Abrahão Zacuto a Pedro Nunes. E é essa sciencia que preside á vossa viagem e a torna possivel nas condições sensacionaes e imprevistas em que a define Santos Dumont.

Reparae, senhores, como o Destino favorece cada pormenor da odysseia, distribuindo ao glorioso brasileiro a missão de explical-a ao mundo!

Sente-se vibrar nas suas palavras um enthusiasmo inspirado por um varonil orgulho — e cuja origem é a mesma desta recepção calorosa que desde Pernambuco vos reergue ás nuvens de onde descestes. Sem duvida, o mundo inteiro vos applaude, toda a humanidade civilizada vos admira. Aonde quer que chegasseis vos acclamariam, mas nas acclamações brasileiras ha mais do que o enthusiasmo, ha o orgulho com que vos enalteceu Santos Dumont, ha o amor com que vos acolhe um povo no qual a vossa façanha — tanto maior quanto a praticastes dispondo de recursos desproporcionados com empresa de tamanho porte — acorda e subleva as lembranças atavicas, todo um passado commum. São as vozes arrebatadoras e electrisantes do sangue que vos enaltecem! No subconsciente de cada alma brasileira o residuo português sóbe do fundo passado á superficie do presente. É o coração brasileiro que solemne e atroadoramente proclama, em protesto tacito ás negações monstruosas, os sentimentos familiares que nos uniram e multiplicaram nos amplexos do amor através de quatro seculos e que ainda hoje continuam a entrelaçar-nos!

Perguntava-se como Portugal se associaria aos jubilos do centenario da Independencia. Vós trouxestes a resposta! Para honrar o Brasil, a sua mãe historica veste-se de gloria, atavia-se com as suas virtudes antigas e apparece nas festas da sua emancipação festejada por todos os povos da terra! Para saudar uma nação livre manda-lhe os symbolos da suprema libertação: asas! Vós sois tambem descobridores, como os antepassados, pois que revelastes ao Brasil a virilidade perenne das nossas energias e porque pudestes ver o Brasil, não só nos aspectos da sua civilização vertiginosa, como nos intimos thesouros dos seus sentimentos magnanimos. Ahi tendes a palavra do Brasil, nessas acclamações que vos seguem de cidade em cidade e a que se misturam — orchestra formidavel executando um hymno apotheotico! — o repicar dos sinos, os accordes metallicos das bandas marciaes, o arfar dos peitos, o côro impetuoso e delirante das vozes, em que a saudação romana resuscita na America, como um echo dos **vivas** que reboavam no Forum, quando os Cesares e os Heroes entravam á frente das legiões a caminho do Capitolio.

Nunca me enganou o instincto da raça. As vozes do meu sangue sem cessar me garantiam que o Brasil era o que estaes presenceando.

E porque não havia de ser? Hoje, como quando o Brasil commemorar o milenario da sua independencia, não será possivel emendar a Historia, que é a biographia das Nações, nem occultar que foram os portuguêses que baptisaram e crearam esta nacionalidade, que nella geraram e espalharam o povo cujos descendentes a conduzem, soberana, para os seus grandiosos destinos. Aqui gastamos o melhor das nossas actividades e energias, derramamos ondas do nosso sangue. Para guardar o Brasil perdemos as regiões auriferas e diamantiferas da Africa, abandonámos os caminhos maritimos da India, deixámo-nos desapossar dos territorios da Africa meridional.

Como fomos pagos da nossa missão sobrehumana?

Como nos retribuiu o Brasil a dadiva opulentissima, que o seu povo emancipado arrecadou ao entrar na posse de uma das maiores patrias do planeta?

Pagou-nos com a liberalidade suprema: com a gloria de dia para dia acrescida do seu prestigio mundial, da sua ascensão veloz até á constellação das grandes potencias; guardando, propagando e perpetuando, como instrumento da sua civilização, a lingua que lhe ensinámos na infancia e que sôa nos seus parlamentos, nas suas academias e nas suas escolas, lingua em que cantam os seus poetas, em que ensinam os seus mestres, em que se exprimem os seus pensadores, em que se redigem os diplomas dos seus estadistas, em que se compoz o lemma da sua bandeira.

Sem duvida, as mães não podem reivindicar para ellas o merito das grandes acções dos seus filhos. A civilização do Brasil é uma expansão da civilização universal, operada com os seus proprios recursos de acção e de intelligencia. Mas as mães podem e devem sentir-se desvanecidas e ufanas com a grandeza e a prosperidade da sua prole. Certamente, as duas nacionalidades, durante tres seculos unidas, seguem de ha muito trajectorias independentes. Mas o oceano que nos separa não cavou um abysmo entre os nossos sentimentos familiares, nem a emancipação destruiu os nossos vinculos de sangue. E é esse sentimento que explode nas manifestações que vos exaltam e que tanto vos emocionam; é esse sentimento contagioso que vos ditou as palavras que mandastes da ilha de Fernando Noronha a S. Ex. o sr. Presidente da Republica e em que confessaveis não saber mais distinguir se ereis portuguêses ou brasileiros.

Essas inspiradas palavras vós as poderieis applicar a todos nós, portuguêses que aqui vivemos, pois sem deixarmos de ser convictamente portuguêses, e fazendo questão de que como portuguêses nos considerem, nós nos comportamos sentimentalmente como brasileiros, empenhados como elles na felicidade e na prosperidade brasileira. Portugal é o nosso berço, mas cada coração português é um berço do Brasil. Coisa alguma poderá extinguir o sentimento atractivo das duas Patrias. O instincto da maternidade é a propria fonte do amor, e ha tambem Nações-Mães.

Eu quereria poder e saber exprimir-vos nesta pobre voz, tão impropria na sua modestia para servir de interprete a esta solemnidade, a gratidão portuguêsa. Que palavra, porém, poderia, já não direi avantajar-se, mas igualar-se á vibração unanime, ao impeto arrebatador das acclamações com que fostes recebidos? Que eloquencia não se sentiria mesquinha para traduzir essa expansão alvoroçada do patriotismo, em que dezenas de milhares de vozes portuguêsas vos saudaram, emissarios gloriosos da Patria, alentadores da fé, testemunhas ajuramentadas da energia incolumne da raça, reanimadores da esperança, confortadores das nossas maguas! Se fôra possivel reunir num accorde todas as palpitações dos nossos corações, ouvirieis um rumor mais trepidante e sonoro que o do motôr do vosso navio alado. Cada um de nós seguia em imaginação os vôos temerarios do **Lusitania** e do **Portugal** sobre os abysmos do oceano, como se fôra realmente a Patria que voasse ao nosso encontro e que temiamos vêr naufragada nos sorvedouros do Atlantico! E vós nol-a trouxestes, realmente, consubstanciada no vosso heroismo, a Patria bem amada, rutilante da gloria com que a servis, a Patria que nós devemos ao Brasil para orgulho do seu amor filial! Nós vos contemplamos, ungidos pela gloria e pelo heroismo, com a reverencia supersticiosa devida aos que afrontaram a morte e aos que cumpriram, por um ideal, animados pela força energica da fé, a sua missão. A Patria parece ter-se elevado com o vosso vôo. Já a não vemos revestindo a pesada armadura, mas pairando, aligera, com as plumas do elmo dilatadas em asas.

Não sou, infelizmente, um poeta para poder jogar com as imagens que jorram da vossa façanha como de fonte maravilhosa, quando tocada pela vara magica da fantasia.

Consenti-me pois que, ainda uma vez e a ultima, me valha dos confrontos do tempo e da historia para supprir a pobreza da minha imaginação. Uma visão surge, neste instante, ante os meus olhos. Vejo a camara de Pedro Alvares Cabral, na nau-capitanea, e sentado na cadeira de espaldar, com as insignias imponentes do commando e da nobreza, como nol-o descreve Caminha, o almirante rodeado pelos capitães e cavalleiros, naquella noite longinqua de 24 de Abril de 1500. A luz dos brandões illumina a camara, de paredes recobertas de arrases. Toda aquella pompa, aquellas opas de velludo, aquellas armaduras scintillando, aquellas gemmas resplandecendo nos collares, nos anneis e nos punhos das espadas, aquelles tapetes da Persia—todo aquelle apparato para que os heróes portuguêses recebam os dois candidos guerreiros brasilicos, cujo adorno consiste apenas nas tatuagens e nos graciosos cocares de pennas de aves!

Agora, porém, volvidos breves seculos, é o Brasil que recebe dois heróes portuguêses. Na cadeira em que se sentava, ha quatrocentos e vinte e dois annos, o sumptuoso descobridor, vemos hoje o Chefe do Estado de uma das maiores nações da terra, seu supremo magistrado, assistido pelas figuras mais representativas do poder, da intelligencia e da cultura: os ministros, os juizes, os senadores, os deputados, os soldados, e os academicos. Como empallidece no confronto a pequena camara de Pedro Alvares!

Quanto estes dois quadros — o que visionamos através da carta de Caminha, e o que contemplamos nesta hora jubilosa — me parecem concentrar as emoções, os pensamentos e a lição deste grande momento camoneano!

Mensageiros de Portugal! Portadores da sua honra impoluta e da sua affeição desinteressada, que desafiastes a morte para trazer ao Brasil a mensagem da amizade! Precursores das aladas comitivas que hão de desfilar nos espaços, orientadas pela vossa sciencia, approximando os povos, reduzindo as distancias pela acceleração do tempo! Arautos de uma nova idade! Ateadores de fé! Galvanizadores de energias! É como o sacerdote que sobe, tremendo, pela primeira vez ao altar que em nome dos nossos compatriotas vos saudo. Não repareis, voadores, nas minhas palavras rasteiras. Olhae apenas a minha commoção perturbadora. No meu coração fundem-se, neste instante, os corações portuguêses dos immigrados, que cuidaram ver no vosso avião a propria Patria pairando, alada, sobre as suas cabeças: Portugal que vinha ver o Brasil, depois de uma ausencia de cem annos!

Sr. contra-almirante Gago Coutinho; Sr. capitão de fragata Sacadura Cabral! Nomes que voam tambem nesta hora pelo mundo, de boca em boca! Exaltadores de Portugal, que accrescentastes mais um verso ao hymno português! Vós dissestes, e por mais de uma vez o repetistes, que de tal maneira os brasileiros pareciam vossos irmãos que vos sentieis com uma dupla nacionalidade. Acceitando as vossas palavras, que tanto condizem com os nossos sentimentos, não poderiamos exaltar-vos melhor do que victoriando-vos na saudação ás duas Patrias: a patria da partida e a patria da chegada, a antiga patria da Europa e a juvenil patria da America, balisas extremas do vosso itinerario estupendo. A viagem que iniciastes no avião das quinas e das cruzes, passando através do portico triumphal de um arco-iris, transpondo a penedia solitaria onde não deixastes as vidas mas os nomes immortalizados, tinha que ter um desfecho de apotheose. Vós a terminastes rompendo por um novo arco de alliança, construido pelos raios do sol, e cahindo das nuvens á agua como uma flôr lançada por Portugal ao regaço do Brasil. Cavalleiros da nova cavallaria dos ares! Saudo em vós a patria que nos viu nascer e á qual pertenceis, a patria que de vós fez o que sois, transfundindo-vos o seu genio e o seu heroismo immanente! Saudo em S. Ex. o sr. Presidente da Republica o Brasil que vos recebe como filhos, não distinguindo da vossa a sua gloria!

L.
6216

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA